

MULHERES CAMPONESAS E O CUIDADO COM A TERRA: ESTUDO ETNOEDAFOLÓGICO ACERCA DE PERCEPÇÕES E PRÁTICAS

PEASANT WOMEN AND CARENESS FOR THE LAND: ETHNOEDAPHOLOGICAL STUDY REGARDING PERCEPTIONS AND PRACTICES

MUJERES CAMPESINAS Y CUIDADO DE LA TIERRA: ESTUDIO ETNOEDAFOLOGICO EN TORNO A PERCEPCIONES Y PRÁCTICAS

Helena Lelli RIGA¹

Ricardo Serra BORSATTO²

RESUMO: O papel de mulheres camponesas como promotoras de processos ambientalmente amigáveis de produção de alimentos é um consenso na literatura sobre o tema. Porém, persiste uma lacuna de pesquisas que busquem compreender com maior profundidade os fatores que determinam as práticas conservacionistas femininas. Esta pesquisa auxilia no preenchimento desta lacuna por meio de um estudo etnoedafológico com mulheres camponesas sobre suas percepções no que se refere ao cuidado com a terra. Os resultados apresentados derivam de um processo de observação participante e de entrevistas semiestruturadas com mulheres camponesas do Quilombo Campo Grande (Campo do Meio-MG). Os resultados obtidos sugerem que o cuidado da terra simboliza, para além de um manejo sustentável, um ato de

¹ Graduada em Ciências Biológicas, membro do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Rural e Agroecologia. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Lagoa do Sino. Buri, São Paulo, Brasil. Email: helena.elli@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7421-2175>

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR) e do Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade e Gestão Ambiental (PPGSGA). Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos, São Paulo, Brasil. Email: ricardo.borsatto@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7594-479X>

resistência, emancipação e mudanças sociais consistentes no que diz respeito a conservação da natureza e a soberania alimentar.

PALAVRAS-CHAVE: Etnoedafologia, percepções, mulheres camponesas, manejo agroecológico, conservação dos solos.

INTRODUÇÃO

Mulheres camponesas desempenham papéis fundamentais para a conservação dos solos, pois acumularam, ao longo da história, diversos saberes agroecológicos com base nos conhecimentos de inúmeras estratégias de manejo para a produção de alimentos diversos e saudáveis (SILVA; DAUFENBACK; COSTA, 2017).

Atendendo à complexidade do conteúdo sociocultural e político do campesinato, que determina sua experiência de classe por meio do seu modo de produção e reprodução social estritamente ligado à terra e atrelado às questões de desigualdade racial e de gênero, o trabalho assumiu as mulheres camponesas como sujeitas cuja identidade e percepção possuem grande relevância tanto para a conservação dos solos quanto para a garantia de segurança alimentar através de manejos agroecológicos (LEAL *et al.*, 2020).

O solo é uma camada superficial terrestre dinâmica, diretamente influenciada por fatores bióticos e abióticos, que desempenha funções fundamentais para o funcionamento dos ecossistemas. Em função disso, a degradação dos solos induz diversos desequilíbrios ambientais que trazem consequências para a conservação da biodiversidade e para a sociedade humana (MUGGLER; SOBRINHO; MACHADO, 2006).

Não obstante, ainda que se saiba que o solo é um recurso de lenta recuperação e sensível a perturbações antrópicas, o modelo produtivo agrícola

hegemônico tem ocasionado consequências negativas alarmantes no que diz respeito à degradação dos solos, gerando consequências como desertificação, erosão, poluição, contaminação e assoreamento de cursos d'água, entre outras (SILVA; DAUFENBACK; COSTA, 2017).

A partir de uma abordagem etnocientífica, investigamos as percepções de mulheres camponesas, do assentamento Quilombo Campo Grande (MG) sobre o cuidado com a terra, com objetivo de identificar elementos e processos relativos a práticas conservacionistas de manejo de solos. Assim, a pesquisa ora apresentada justifica-se por contribuir para o avanço do conhecimento sobre processos sociotécnicos promotores de sistemas de produção agrícola mais sustentáveis.

Para pesquisas etnocientíficas, a percepção e o conhecimento, segundo Araújo et al. (2013), são construídos a partir dos domínios *kosmos-corpus-praxis*, que representam respectivamente: (1) as crenças e troca de simbolismos; (2) o conjunto de conhecimentos sobre o uso e manejo dos recursos naturais; (3) o conjunto de práticas desenvolvidas por uma determinada comunidade. Diante disso, as metodologias mais utilizadas para este tipo de pesquisa buscam aproximar o pesquisador e o pesquisado com o intuito de contemplar estes domínios e, assim, realizar análises mais profundas sobre o objeto de pesquisa (ARAÚJO et al., 2013).

Desse modo, levando em consideração os domínios *kosmos-corpus-praxis*, bem como a relação humano-solo-planta com a camada mais ativa do solo, o estudo ora apresentado valeu-se de uma abordagem inspirada no conceito de etnoedafologia (ACUÑA et al., 2015) para realização de coletas de dados e posteriores análises. Segundo Bassols (2013), a etnoedafologia é um campo de estudo transdisciplinar que explora teorias e práticas camponesas de manejo e uso da terra sob uma perspectiva holística, ecológica e cultural.

Segundo Acuña *et al.*, (2015), os estudos etnoedafológicos baseiam-se em quatro princípios fundamentais: (a) formação de solo local e conhecimento da terra em sistemas de classificação; (b) comparação de classificações de solo local com técnicas de manejo; (c) análise de avaliação de solo local como um sistema; e (d) avaliação de práticas de manejo agroecológico. Assim, buscando identificar as percepções e os conhecimentos das mulheres camponesas a respeito do cuidado da terra, a pesquisa tende a aproximar-se do princípio fundamental de avaliação de práticas de manejo agroecológico.

Ademais, ao nos referirmos ao cuidado com a terra, nos apoiamos no conceito abordado por Boff (2014 p. 38-39), que aponta: “Cuidar é mais que um *ato*, é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.” Assim, Boff (2014, p. 38-39) reconhece que o cuidado faz parte da essência humana de modo que “Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo, e por destruir o que estiver a sua volta [...]. O cuidado há de estar presente em tudo.”

Considerando também a perspectiva de Heidegger, do cuidado como um *fenômeno ontológico*, a atitude de cuidar pode ser entendida como a base que concede a possibilidade humana de *ser-no-mundo* e *ser-com-outros*, o que significa que independentemente de qual seja a técnica utilizada pelas mulheres em suas terras, seu manejo depreenderá cuidado (OLIVEIRA; CARRARO, 2010).

A questão abordada por esta pesquisa, portanto, baseia-se em identificar as percepções de mulheres camponesas quanto às suas relações de cuidado com a terra, considerando que estas percepções são influenciadas por laços históricos, étnicos e socioculturais. A partir desse processo, agregou-se conhecimentos ao campo dos estudos etnoecológicos e agroecológicos para

potencial desenvolvimento de processos de conservação de solos que estejam de acordo com a realidade de quem maneja a terra.

1. ETNOEDAFOLOGIA E O CUIDADO COM A TERRA

De acordo com Acuña *et al.* (2014), para que possamos sobreviver em um mundo habitável é necessário que assumamos nosso compromisso e responsabilidade de cuidado com a natureza. Este cuidado, por sua vez, pode ser definido como “um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana, enquanto humana.” (BOFF, 2014, p. 39).

Pressupondo a responsabilidade social deste cuidado, consideramos que ao nos referirmos à conservação dos solos devemos nos referir de antemão ao cuidado da terra. No entanto Acuña *et al.* (2014) apontam que os focos das pesquisas de conservação dos solos carecem de reconhecimento social sobre o uso da terra e de reflexões éticas e afetivas no tocante ao fato de que para conservar o solo é necessário cuidar do solo, ou seja, proteger, nutrir, dar afeto etc.

Estes autores ainda alegam que muitos projetos etnopedológicos de conservação dos solos não alcançam resultados satisfatórios, pois não consideram a realidade e os conhecimentos ancestrais de quem maneja a terra. Os camponeses têm sido vistos como causadores da degradação dos solos e não como componentes essenciais para o alcance de soluções efetivas para este problema. Posto isto, Acuña *et al.* (2014) apontam para os limites da etnopedologia, que aborda o solo considerando todas as suas vertentes e estrutura-se a partir da visão técnico-instrumental para buscar a conservação dos solos. A pesquisa ora apresentada seguiu outra linha, pois se restringe ao estudo da camada cultivável do solo, com +/- 20 cm de profundidade, e as relações das comunidades locais com a gestão sustentável do uso da terra.

À vista disso, nesta pesquisa adotamos o conceito de etnoedafologia, que é um campo de estudo pouco explorado no Brasil. A partir da revisão da literatura, reconhecemos que este conceito abordado por Narciso Bassols (2013) está intimamente relacionado às investigações sobre o cuidado da terra e a visão agroecológica. Segundo Bassols (2013), a etnoedafologia é definida como uma disciplina híbrida que aborda as relações históricas e culturais dos camponeses com suas teorias e práticas de manejo da terra.

Ao relacionarmos as mulheres ao cuidado, a pesquisa compartilha das ressalvas trazidas por Noronha e Fraga (2020, p. 484), que trazem os seguintes apontamentos:

A teoria do cuidado, [...] é politicamente potente ao visibilizar diversas atividades cotidianas, essenciais à sustentabilidade da vida, frequentemente associadas a trabalhos com carga afetiva, e que são atribuídas, em grande medida, às mulheres. Por outro lado, é uma proposta delicada, já que se coloca apartada de uma discussão cara para os feminismos que se colocam entre dois polos: o da essencialização, em que as mulheres, por serem mulheres, sabem e devem cuidar; e o de uma relação de aversão e negação da função de cuidar, em que a atividade é narrada como a causadora (ou o condicionante) da opressão da mulher na sociedade e, portanto, deve ser evitada.

Diante do exposto, nenhum destes dois polos corresponde às investigações dessa pesquisa, uma vez que, ainda concordando com Noronha e Fraga (2020, p. 475), as dimensões do cuidado com a terra, desenvolvidas pelas mulheres agricultoras, partem das noções de *ecodependência* que estabelecemos com a natureza e do reconhecimento sobre as limitações materiais do nosso mundo. O cuidado da terra no cotidiano das mulheres camponesas, portanto, envolve diversas atividades que vão desde a

manutenção da casa, produção de alimentos saudáveis e de fitoterápicos até a preocupação com a preservação das florestas, das nascentes, dos solos e da biodiversidade. Como afirmam Sá e Borsatto (2022, p. 206), a militância agroecológica das mulheres está vinculada “[...] tanto às questões feministas quanto às questões ambientalistas, considerando que o sistema de produção agroecológico valoriza além das atividades produtivas executadas por mulheres, o cuidado com o meio ambiente”.

2. ÁREA DE ESTUDO E SUJEITAS DA PESQUISA

No município Campo do Meio, na mesorregião Sul-Sudoeste de Minas Gerais, encontram-se assentamentos de reforma agrária e acampamentos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que juntos formam o Quilombo Campo Grande (COCA *et al.*, 2019).

Com uma área total de aproximadamente 4.000 hectares, a Usina Ariadnópolis Açúcar e Álcool S. A. e a Companhia Agropecuária Irmãos Azevedo (CAPIA), em 1996, decretaram falência e deixaram dívidas tanto com o Estado quanto com seus trabalhadores. A partir disso, iniciaram-se ocupações nesse território, transformando-o em um lugar que passou a simbolizar a conquista da terra a partir da luta e resistência (LOURENÇO; SOUZA; VALE, 2010).

A maioria das famílias do Quilombo Campo Grande, segundo MST (2020), produzem de forma agroecológica ou estão passando por processos de transição. Há mais de 20 anos, famílias camponesas produzem alimentos como hortaliças, frutas, ervas medicinais, cereais, dentre outros, sem a utilização de pesticidas, e são responsáveis pela produção de aproximadamente 510 toneladas de café orgânico, 500 toneladas de feijão, 55.000 sacas de milho crioulo, entre outros, por ano (AMARAL, 2019).

De acordo com Amaral (2019), embora as objeções das questões de gênero sejam temáticas que abarcam a sociedade como um todo, as problemáticas presentes na reprodução social da vida das mulheres nos acampamentos e assentamentos possuem algumas especificidades. Deste modo, esta pesquisa teve como foco de sua investigação as mulheres do Quilombo Campo Grande.

Para tanto, no primeiro semestre de 2022, a primeira autora deste artigo realizou uma observação participante, que se deu através da imersão de uma semana no Quilombo Campo Grande, no qual conviveu diuturnamente com mulheres camponesas, acompanhando-as em seus afazeres diários, tanto domésticos quanto em outros espaços. A vivência consistiu na realização de diversas atividades, como a participação da colheita de plantas medicinais, confecção de produtos fitoterápicos, visita aos espaços produtivos das mulheres e rodas de conversa. Durante este período, foi confeccionado um diário de campo, no qual foram anotados observações, percepções, ideias, fatos, opiniões e possíveis eventualidades.

Adicionalmente, ao final da semana de observação participante, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade com quatro mulheres, escolhidas por estarem dentro dos seguintes critérios de inclusão: (1) ser maior de 18 anos, (2) realizar práticas agrícolas, (3) participar, ou já ter participado, de movimentos de luta pela terra. As mulheres entrevistadas apresentam diferentes trajetórias de vida, mas compartilham o cotidiano do assentamento, além de diversas vivências e percepções proporcionadas pelo envolvimento com o MST e pelas relações estabelecidas com a terra. Todas elas contribuem de alguma forma com o coletivo de mulheres Raízes da Terra, que atua na produção de fitoterápicos como sabonetes, chás, escalda pés, xaropes, tinturas e pomadas. A pluralidade de trajetórias das entrevistadas envolve diversas perspectivas: de agrônomas, militantes, mães, coordenadoras, gestoras e participantes do coletivo de mulheres e de cooperativas do MST.

A partir do caráter exploratório qualitativo da pesquisa, foi elaborado um roteiro de entrevista para a realização das entrevistas com base nas seguintes categorias analíticas: a) relações históricas e culturais estabelecidas com a terra; b) sistematização das técnicas de manejo utilizadas; c) percepção sobre degradação da terra. Essas categorias foram interrelacionadas com os conceitos de ancestralidade, conservação do solo e da biodiversidade, divisão sexual do trabalho e com as relações de cuidado exercidas nas práticas de manejo.

Ressaltamos que a pesquisa se pautou por uma perspectiva etnográfica, considerando as perspectivas culturais, pois como relata Santos *et al.* (2017), mais do que um estudo sobre as pessoas, a etnografia significa aprender com as pessoas.

As entrevistas foram gravadas, com autorização, transcritas e analisadas com o apoio do softwareAtlas.ti.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um ponto em comum entre as entrevistadas é que todas relataram ter passado por experiências de despejo, de retornarem ao campo depois de viver alguns anos na cidade e de passarem por outros acampamentos e assentamentos antes de chegarem ao Quilombo Campo Grande.

Algumas das entrevistadas compartilham experiências traumáticas por terem vivenciado o despejo violento, que ocorreu em 2020 no Quilombo Campo Grande durante a pandemia da COVID-19, em que a Polícia Militar destruiu lavouras, demoliu casas de 14 famílias camponesas e a Escola Popular Eduardo Galeano. De acordo com Oliveira (2020), este despejo ficou para história como o mais longo do século XXI, “Por 56 horas, famílias sem-terra resistiram

pacificamente à pressão da Polícia Militar, dia e noite, no meio de uma estrada, sob o sol forte e o frio da madrugada, respirando poeira e ouvindo ameaças”.

Através das entrevistas e da observação participante buscávamos, em um primeiro momento, captar as representações das mulheres sobre a terra e sobre o cuidado separadamente. Porém, ao longo das entrevistas observamos que estes conceitos são interligados pelo contexto no qual as mulheres estão inseridas, em que cuidar da terra, para além de uma prática de manejo, é a atitude cotidiana que possibilita, como denominado por Heidegger, o ser-no-mundo e o ser-com-outros das entrevistadas (OLIVEIRA; CARRARO, 2010).

Ao longo das entrevistas foi possível identificar diversas vezes a associação entre os conceitos terra-cuidado. A partir de observações sobre o mundo e sobre si mesmas, as quatro entrevistadas se referiram a terra como a mãe *cuidadora* de todos os seres vivos que estão sobre ela.

Tenho o entendimento da terra como a grande mãe. Essa conexão: de onde a gente vem, para onde a gente vai, de onde a gente tira o nosso sustento. É uma grande escola, nos ensina muito sobre essa vida. (ENTREVISTADA 3, 2022)

“A terra é a nossa mãe. Toda reunião que a gente faz místicas sobre a terra a gente fala sobre como ela ajuda a gente, como ela dá coisas pra gente, é só a gente contribuir [...] eu sinto que a terra é emoção, ela cuida da gente e a gente cuida dela” (ENTREVISTADA 2, 2022)

À vista disso, temos que essa comparação entre mulheres e terra como cuidadoras é proveniente da construção do papel social feminino enraizado na associação das mulheres à atitude de cuidar. Segundo Garcia (2009), o papel social atribuído à mulher parte da herança de uma ideia primitiva e eurocentrada que compreende o papel reprodutivo da mulher e sua fisiologia como condicionante à responsabilidade de reprodução da vida, de cuidado com os

filhos e com as diversas funções essenciais para a manutenção da vida. Nas entrevistas, as mulheres disseram se sentirem mais encarregadas de tarefas que se relacionam ao cuidado do que os homens.

A gente pari, a gente amamenta e gera vida. A nossa natureza já nos coloca em um papel de cuidar de um outro ser da nossa mesma espécie para que esse ser se desenvolva minimamente, porque se não é o cuidado, um bebê não sobreviveria. Somos uma espécie que se a nossa mãe nos largasse no dia que a gente nascesse, acabou. [...] Dentro das rodas de conversa, com o coletivo de mulheres que a gente participa, e dentro da comunidade que a gente vive, a gente percebe como as mulheres acumulam as tarefas do quintal produtivo. Quando a gente olha o quilombo de uma vista de cima, nos pontos mais altos, você percebe que onde tem as casinhas tem os quintais produtivos, os quintais em que são as mulheres que realizam o manejo. Os animais de pequeno porte, em geral, são as mulheres que cuidam, cuidam da família, da alimentação, da providência e do cuidado jurídico da casa, no sentido das contas. As mulheres assumem mais tarefas dentro e fora de casa e no cuidado da família. (ENTREVISTADA 3, 2022)

A partir da observação participante também foi possível constatar que as mulheres do assentamento Quilombo Campo Grande apresentam mais afinidade com as atitudes que envolvem o cuidado do que os homens, sendo responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidando da casa, dos quintais produtivos, dos filhos e dos animais, e pela produção de fitoterápicos (xaropes, escalda-pés, pomadas, sabonetes etc.).

Contudo, o cuidado da terra, para as entrevistadas, é compreendido a partir do pressuposto de que “a terra é o nosso grande meio de produção” e que “se a gente mata o solo que a gente ocupa, mata as nascentes que a gente

ocupa, logo menos nós teremos que desocupar essas terras porque não haverá como nós habitarmos e sobrevivermos nesse lugar” (ENTREVISTADA 4, 2022). Em outras palavras, o manejo da terra que não empreende a prática do cuidado causa impactos que dificultam ou impossibilitam a manutenção de todas as formas de vida que estão sobre a terra. Ainda de acordo com a Entrevistada 4 (2022): “Para as coisas prosperarem a gente precisa cuidar. É essencial. Acho que o cuidado da terra é importante porque sem cuidado nada vai pra frente. Então se você quer permanecer na terra você tem que cuidar.”

As relações de cuidado com a terra conferem às mulheres uma percepção que não se limita a compreender a terra como um mero meio físico a ser explorado, ao contrário, a terra é compreendida como a fonte que possibilita a manutenção e continuidade da existência humana. Ademais, as mulheres compreendem a terra como um espaço de relações de afeto e amor e, por consequência, de cuidados.

A terra é a mãe de todos os seres vivos que estão aqui em cima e ela é realmente, como diz uma música nossa, cativa. Você se apaixona por ela, não tem como, porque você vê que a partir do momento que você prepara com amor, e coloca uma semente... Que coisa linda... Aquele desabrochar daquela semente, dali uns dias já é um arvoredo, e dali uns dias já tem flor, fruto... se é uma árvore tem sombra... e quem é que está fazendo tudo isso? A terra. [...] não tem como não amar a terra. (ENTREVISTADA 1, 2022)

A Entrevistada 4 (2022) afirma que “A terra traz um sentimento muito familiar, ancestral [...] você sente uma coisa boa, me sinto muito bem quando estou perto da terra”.

Passei 3 anos e meio no Rio Grande do Sul e era na cidade, então eu sentia muita falta, mesmo a gente tendo a nossa horta que a gente cultivava, tinha os dias de mexer e as pessoas responsáveis, então eu tinha muita vontade de tá naquele canteiro, de regar, de sentir aquele cheirinho de terra molhada. Eu sinto que a terra é emoção, ela cuida da gente e a gente cuida dela. (ENTREVISTADA 2, 2022)

Diante disso, as mulheres relacionam práticas agroecológicas ao cuidado da terra, consideram essas práticas de agricultura mais cuidadosas e que surgem como alternativa às práticas degradantes das quais se utiliza a agricultura convencional.

A pesquisa identificou as seguintes práticas de manejo associadas à atitude de *cuidar da terra* realizadas pelas entrevistadas: a) cobertura de solo com restos vegetais (matéria seca); b) plantio de leguminosas (feijão andu, feijão de porco, crotalária etc.); c) adubação com húmus de minhoca, esterco e matéria orgânica compostada; d) revolvimento mínimo do solo; e) troca planejada de culturas.

Segundo elas, combinar essas diferentes práticas de cuidado confere diversos benefícios a terra, como: enriquecimento diversificado dos atributos químicos, biológicos e físicos; quebra do ciclo de patógenos; proteção contra a insolação direta; proteção contra o impacto da chuva e do vento; melhora da infiltração e da retenção da água no solo; aumento da presença de nitrogênio e da produção de biomassa vegetal; diminuição da susceptibilidade erosiva; aumento da disponibilidade de nutrientes para as plantas e para a biodiversidade que mantém o solo vivo; melhora da estrutura física e química.

Quando você faz um canteiro, você sempre procura ter húmus de minhoca, matéria orgânica, que é tudo que você usa na sua casa, você vai armazenando, trabalhando com ele pra transformar em matéria orgânica. Se você tiver também esterco de galinha, porco, você coloca junto e incorpora tudo naquele canteiro. Você vai preparando, molhando, porque a matéria orgânica é viva e precisa de água para continuar se transformando e dando vida ao canteiro. Uma das técnicas que eu uso depois de tudo é a matéria orgânica do colônio, que já está lá sequinho e aí você coloca ele em cima para proteger aquela massa orgânica que você colocou. Aí depois de uns dias você vem com a muda e coloca. O solo está protegido com aquela camada de colônio, aí você coloca a raizinha na terra e com o colônio ali quando você molha, a água passa por ele, mas não escorre, fica ali, então aquela água que você colocou dá pro dia inteiro e vai também dando vida pra bicharada que está ali dentro da terra. Por que a minhoca a gente vê, mas e os outros? A gente não vê, mas a gente sabe que está ali. Essa é uma forma de você tratar. Eu gosto muito de plantar o feijão andu, porque além de ser um alimento maravilhoso, ele também é medicinal, e além de trazer nitrogênio pro solo por ser uma leguminosa, a raiz desse feijão é bem profunda e vai descompactando o solo, e as folhas e os galhos vão se misturando com a terra e vai produzindo também matéria orgânica. (ENTREVISTADA 1, 2022)

Mas, para as entrevistadas, o entendimento de terra não se limita ao solo, uma superfície manejável de caráter exclusivamente produtivo, o conceito de terra carrega múltiplos significados e interpretações, inclusive o de entendê-la como um espaço político, um território. Por consequência, cuidar da terra não se limita a uma prática cuidadosa de manejo, é para além disso um conjunto de práticas sociais e políticas: a luta pela terra seguindo os princípios da agroecologia.

Eu acho que a importância do cuidado vai ter várias dimensões. A dimensão individual, da sobrevivência, da manutenção da sua vida. Mas quando a gente fala da Reforma Agrária Popular ele se torna mais uma defesa, porque quando a gente está lutando para ocupar as terras do latifúndio, mas também para produzir alimentos saudáveis e de verdade, porque a gente sabe que 70% do alimento que chega na mesa do brasileiro vem da agricultura familiar, o cuidado da terra, a agroecologia [...], fortalece a luta, é uma estratégia que nós temos de resistir e garantir que a nossa produção seja de alimentos saudáveis [...] assim a gente tem mais força para construir a sociedade que queremos. Então para nós é uma estratégia fundamental de sobrevivência e de permanência da luta. (ENTREVISTADA 3, 2022)

As mulheres consideram que cuidar da terra é a prática cotidiana da agroecologia como forma de resistência, estratégia de sobrevivência e permanência da luta no assentamento Quilombo Campo Grande. Assim, o cuidado, enquanto forma de ser-no-mundo individual e coletivamente, é uma atitude essencial para a reprodução da vida e, enquanto prática política, é uma forma de resistir. As entrevistadas ainda ressaltam que as mulheres são maioria na linha de frente da luta pela construção da agroecologia dentro dos movimentos sociais, e observam isso dentro e fora do assentamento Quilombo Campo Grande. Este protagonismo, por sua vez, pode estar vinculado ao fato de estarem mais associadas a práticas que envolvem cuidados e por reconhecerem a ecodependência que os seres humanos estabelecem com a terra. (NORONHA; FRAGA, 2020)

No movimento da luta pela terra a gente percebe visivelmente as mulheres na linha de frente das nossas principais lutas e nos embates, na presença de corpo e de organização. [...] quando foi a defesa da escola aqui, as mulheres estavam na frente, na organização da ciranda, da alimentação, da segurança, tudo... então as mulheres,

dentro de uma comunidade que estão lutando para ter seu pedacinho de chão, tem um papel fundamental na construção da Reforma Agrária Popular e na resistência. (ENTREVISTADA 3, 2022).

Ao analisar a condição de mulheres sem terra, Tavares (2008, p. 135) também traz a constatação de que

[...] a participação das mulheres na mobilização, nos protestos e ocupações de terra é bastante expressiva. Além disso, sua força de trabalho é fundamental nas tarefas coletivas, sendo as mulheres as principais responsáveis por garantir a continuidade dos acampamentos. Em muitos deles elas participam nas tarefas de construção e de manutenção, como a montagem dos barracos, em formato de tendas.

Sendo assim, como protagonistas da construção da agroecologia atualmente, as mulheres lutam, sobretudo pela socialização do cuidado da terra, pois consideram que o cuidado deve ser um papel atribuído a todos, e que se elas foram condicionadas e aprenderam a cuidar, os homens também devem aprender e participar desse processo. Socializar o cuidado da terra, portanto, representa um dos caminhos possíveis para a luta pela construção social da agroecologia.

“[...] a sociedade na qual estamos inseridas se construiu de forma que a mulher foi subjugada e estivesse para a servidão. E existe uma diferença entre servir e cuidar. O cuidado é de todos, o servir é de ninguém”. (ENTREVISTADA 4, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cuidar, compreendido como um fenômeno ontológico, pressupõe que o ser humano se preocupa com a sua própria existência e com a existência do todo, isto é, preocupa-se com o seu ser-no-mundo que materialmente se expressa também em seu ser-com-outros. Assim, identificar as percepções das mulheres assentadas sobre o cuidado com a terra traz reflexões sobre como, em um cotidiano de incertezas e transformações, as mulheres recriam práticas sociais que viabilizam o seu ser-no-mundo e seu ser-com-outros.

De acordo com os resultados da pesquisa, do ponto de vista ontológico, acreditamos que o cuidado, em suas múltiplas dimensões, concede a quem cuida percepções e interpretações sobre a realidade que proporcionam a construção de uma consciência holística sobre as necessidades da vida, o *saber cuidar*. Assim, as mulheres, ao cuidar, significam o mundo considerando e respeitando os ritmos, o tempo e as necessidades particulares de tudo o que lhes demandam cuidado.

Este *saber cuidar* da terra, por sua vez, provém da consciência das mulheres sobre as necessidades da terra, de não realizar práticas que a degradem. Porém, os relatos apresentados nesta pesquisa indicam que o cuidado não se limita somente a práticas de manejo cuidadosas, que visam à proteção e à manutenção da vida do solo. Assim como a agroecologia, o cuidado da terra representa muito mais que isso.

Portanto, a principal contribuição desta pesquisa é apontar que cuidar da terra simboliza, para além de um manejo sustentável, um ato de resistência, de emancipação e de mudanças sociais consistentes no que diz respeito à conservação da natureza e à soberania alimentar. Assim, do ponto de vista político, para além do ontológico, o cuidado como prática social é discutido a partir da reflexão sobre a necessidade da socialização/desfeminilização do

cuidado com a terra como um dos caminhos para a construção social da agroecologia.

RIGA, H. L.; BORSATTO, R. S. Peasant women and careness for the land: ethnoedaphological study regarding perceptions and practices. ORG & DEMO (Marília), v. 24, Fluxo Contínuo, e023007.

ABSTRACT: The role of peasant women as promoters of environmentally friendly food production processes is a consensus in the literature on the subject. However, there remains a research gap that seeks to understand in greater depth the factors that determine female conservationist practices. This research helps to fill this gap through an ethno-edaphological study with peasant women about their perceptions with regard to caring for the land. The results presented derive from a process of participant observation and semi-structured interviews with peasant women from Quilombo Campo Grande (Campo do Meio-MG). The results obtained suggest that caring for the land symbolizes, in addition to sustainable management, an act of resistance, emancipation and consistent social changes with regard to nature conservation and food sovereignty.

Key-words: ethnoedaphology, perception, rural women, agroecological handling, soil preservation

RESUMEN: El papel de las mujeres campesinas como promotoras de procesos de producción de alimentos amigables con el ambiente es un consenso en la literatura sobre el tema. Sin embargo, persiste un vacío de investigación que busca comprender con mayor profundidad los factores que determinan las prácticas conservacionistas femeninas. Esta investigación contribuye a llenar este vacío a través de un estudio etnoedafológico con mujeres campesinas sobre sus percepciones respecto al cuidado de la tierra. Los resultados presentados derivan de un proceso de observación participante y entrevistas semiestructuradas con mujeres campesinas de Quilombo Campo Grande (Campo do Meio-MG). Los resultados obtenidos sugieren que el cuidado de la tierra

simboliza, además de la gestión sostenible, un acto de resistencia, emancipación y cambios sociales coherentes con respecto a la conservación de la naturaleza y la soberanía alimentaria.

Palabras clave: Etnoedafología, percepciones, mujeres rurales, manejo agroecológico, conservación de suelos.

REFERÊNCIAS

ACUÑA, I. T. et al. De la conservación del suelo al cuidado de la tierra: una propuesta éticoafectiva del uso del suelo. **Ambiente & Sociedade**, v. 18, p. 121-136, 2015.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/asoc/a/MBTNBtyF4Wp4b7LGkHfJSxr/?lang=es>> Acesso em: 12 abr. 2021.

AMARAL, J. D. F. **As relações de gênero nos acampamentos e assentamentos do Município de Campo do Meio**. 2019. 82 f. TCC (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/sites/default/files/tccjessicaamaral.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

ARAÚJO, A. L. et. al. Etnopedologia: uma abordagem das etnociências sobre as relações entre as sociedades e os solos. **Ciência Rural**, v. 43, n.5, p. 854-860, 2013.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cr/a/DMjqtyWYtwBh7BBKhLtxYBq/?lang=pt>>.

Acesso em: 15 abr. 2021.

BASSOLS, N. B. La etnoedafología a principios del milenio: ¿Para qué, cómo e con quién y para quiénes?. *In: Anais do Congresso Brasileiro de la Ciencia del Suelo*.

Florianópolis, 34, 2013. Disponível em:

https://eventosolos.org.br/cbcs2013/palestras/S04a_Narciso%20Bassols.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COCA, E. L. F. et al. Agroecologia e territorialidades camponesas em Campo do Meio – MG. **Revista de Geografia Agrária**, v.14, n.34, p. 168-186, 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/50740>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

DEALDINA, S. S. Territórios coletivos e ancestralidade: a luta das mulheres quilombolas. **Le Monde diplomatique**. São Paulo, 09 mai. 2020. Disponível em:<<https://diplomatique.org.br/territorios-coletivos-e-ancestralidade-a-luta-dasmulheres-quilombolas/>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

GARCIA, L. A Relação mulher e natureza: laços e nós enredados na teia da vida. **Gaia Scientia**, v. 3, n. 1, p. 11-16, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/3338>. Acesso em: 26 set. 2022.

LEAL, L. S. G. et. al. Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. **Educação e Sociedade**, v.7, n.14, p. 31-54, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

LOURENÇO, A. R.; SOUZA, A. C.; VALE, A. R. A luta pela terra no Sul/Sudoeste de Minas Gerais: o espaço da resistência e o território conquistado. *In*: **Anais do I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, Campus de Rio Claro**. Rio Claro, 2010. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/cboeartur.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2021.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). MST promove ato em solidariedade ao acampamento Quilombo Campo Grande. **Site do MST**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://mst.org.br/2020/08/26/nesta-quartafeira-26-o-mst-promovera-um-grande-ato-em-solidariedade-ao-acampamentoquilombo-campo-grande/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). MST recebe apoio e solidariedade durante despejo em MG. **Site do MST**. São Paulo, 2020.

Disponível em: <<https://mst.org.br/2020/08/14/mst-recebe-apoio-e-solidariedadedurante-despejo-em-mg/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MUGGLER, C. C.; SOBRINHO, F. A. P.; MACHADO, V. A. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 30, p. 733-740, 2006. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbcs/a/Nm8pcwCzY4dh87dzkzQKQ9z/?lang=pt>>. Acesso em: 20 mai. 2021. doi: 10.1590/S0100-06832006000400014.

NORONHA, I.; FRAGA, L. S. Dimensões do cuidado: terra e agroecologia para agricultoras do MST. **Ártemis**, v. 3, n. 1, p. 466-487, jul., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/53701/32376>. Acesso em: 21 set. 2022.

OLIVEIRA, A. A. R.; FILHO, C. A. P. L. F.; RODRIGUES, C. M. C.. O processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. *In: Anais do XXXI Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQA2615.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

OLIVEIRA, M. F. V.; CARRARO, T. E. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, p. 376-380, 2010. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/reben/a/SVSn3dm95hcbpKvfV5j9kPm/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

OLIVEIRA, W. Despejo do Quilombo Campo Grande é o mais longo do séc. XXI e marca as lutas sociais. **Brasil de Fato MG**. Belo Horizonte, 18 ago. 2020. Política. Disponível em: <<https://www.brasildefatomg.com.br/2020/08/18/despejo-do-quilombo-campo-grande-e-o-mais-longo-do-sec-xxi-e-marca-as-lutas-sociais>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SÁ, M. E. G.; BORSATTO, R. S. Práticas etnobotânicas femininas na conservação da biodiversidadeo caso de um coletivo de mulheres assentadas. In: CARVALHO, J. G.; BORSATTO, R. S.; SANTOS, L. L. **Formação de agentes populares de agroecologia**. São Carlos: EdUFSCar, 2022. p. 205-227.

SANTOS, C. A. B. et. al. Métodos e técnicas de pesquisa: interfaces entre etnobiologia. Antropologia e História. *In: Anais do II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido*. Campina Grande: Realize, 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/36403825/M%C3%89TODOS_E_T%C3%89CNICAS_DE_PESQUISA_INTERFACES_ENTRE_ETNOBIOLOGIA_ANTROPOLOGIA_E_HIST%C3%93RIA>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SILVA, A. C. G. F. S. F.; DAUFENBACK, V.; COSTA, I. B. As mulheres na agroecologia produzindo comida e cidadania rumo à soberania alimentar. *In: Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero e 13th Women's World Congress*. Florianópolis, p. 1-8, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498610179_ARQUIVO_27.06FAzendo_GeneroVersaoCompleta.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021

TAVARES, C. Democracia e direitos humanos na formação de gênero: o caso das mulheres sem terra em Pernambuco. **ORG&DEMO**. Marília, v. 9, n. 1/2, p. 125-142, jan./dez., 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36311/1519-0110.2008.v9n1/2.56>.

Submetido em: 28/02/2023

Aceito em: 07/07/2023

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023007>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.